

Férias na serra do Gerês

Nessa tarde de Outubro, enquanto o vento dançava com as folhas molhadas por uma chuva miudinha que caía silenciosamente no exterior da escola, dentro da sala, a professora comentava os trabalhos de pesquisa sobre as Serras de Portugal que os alunos de 4º ano acabavam de apresentar.

As crianças conheciam muito bem a professora, que já os acompanhava desde o 1º ano, e sabiam que para encerrar os assuntos ela sempre dizia:

- Sei que todos compreenderam os seus erros e que da próxima vez, não os repetem!

Mas, para surpresa de todos, a professora prosseguiu:

- Será que posso ficar com o trabalho do grupo que pesquisou sobre a serra do Gerês?

As crianças olharam umas para as outras. Um grande ponto de interrogação desenhou-se na sala, até que se quebrou o silêncio e o pensamento de todos teve voz.

- Porquê? Porquê o da Serra do Gerês, professora? – Perguntou a melhor aluna da turma, que tinha trabalhado no grupo da Serra da Estrela.

- Porque, no final do ano, eu vou regressar definitivamente à minha terra, uma pequena aldeia escondida na serra....

- Do Gerês?! A professora tem uma casa na serra do Gerês?! – Questionou uma menina sentada ao fundo da sala.

- Tenho! Toda a minha família vive nesse lugar. Em Julho vou ...

- Professora, nós também queremos ir! – Gritaram em coro, os alunos.

Estava instalada a confusão. No ar, ecoavam palavras soltas: avião, continente, aventura, pais, passagens, aeroporto, piquenique.....

- Calma! - Disse a professora - Levar a turma toda à serra do Gerês é uma tarefa impossível...

- Mas professora... Se os nossos pais ajudarem, a professora leva-nos?

- Talvez....

Nos dias seguintes, os alunos, um a um, informaram a professora que os pais achavam a ideia interessante. O entusiasmo das crianças crescia de tal maneira que a professora resolveu abraçar mais este projecto: “Férias na Serra do Gerês”.



Pouco tempo depois, iniciava-se a execução do projecto, com o apoio dos pais e da direcção da escola. Primeiro, foram estudadas várias formas de conseguir verbas suficientes para deslocar ao continente treze alunos e três professores, depois trataram de diversos assuntos, entre os quais a alimentação e alojamento durante a estadia. Era uma viagem que implicava muitos custos, precisavam angariar fundos e tinham para isso muitas ideias. Solicitaram apoios às instituições públicas e privadas do seu meio e durante o ano lectivo, todas as datas festivas foram celebradas. A turma de finalistas empenhou-se muito e confeccionou bolos, doces e alguns objectos de decoração para vender aos convidados das festas da escola.

Com a colaboração e o empenho de todos, no final do ano, havia o dinheiro necessário para as despesas da viagem. Esta ficou marcada para os primeiros dias de Julho.

Nesse dia, as crianças acordaram cedo, dirigiram-se para o aeroporto acompanhadas dos pais, que aí, faziam as últimas recomendações aos filhos e aos professores.

- Não o deixe subir às árvores! – Dizia uma mãe ao professor de Educação Física que a ouvia com um sorriso maroto.

- Não apanhes frio. Veste sempre o casaco! - Recomendava outra ao filho dependurado no seu pescoço.

Depois das despedidas dos pais e até de alguns avós, as crianças entraram no avião. Pouco depois da decolagem, a natureza ofereceu-lhes o magnífico espectáculo que realiza todas as manhãs: o nascer do sol.

O avião parecia parado, mas os pequenos ecrãs, situados sobre as cadeiras, anunciavam velocidades de 800 e 900 Km por hora. Chegaram ao aeroporto de destino à hora prevista e foram de camioneta para a Serra do Gerês. Ficaram alojados na escola primária da aldeia da professora. Iam dormir nas salas de aula e comer na cantina, pois, apesar de ser tempo de férias, a funcionária disponibilizou-se para lhes preparar as refeições.

Depois do almoço, as crianças fizeram o primeiro passeio de reconhecimento da aldeia. Acharam a aldeia muito bonita, mas gostaram mais de caminhar junto a um pequeno rio de águas muito limpas, que passava ali perto. Nas suas margens, havia árvores e flores brancas e roxas. A professora explicou que se chamavam lírios e faziam parte da flora do Gerês. Também observaram os peixes do rio que surgiam à tona de água e pareciam desejar-lhes as boas vindas. Ficaram, por ali, o resto da tarde brincando, conversando e descansando.



No dia seguinte, logo que o sol raiou, prepararam o farnel e saíram em grupo para fazer uma caminhada. O regresso estava previsto para o fim da tarde. Tencionavam aproveitar o dia para conhecer a serra e explorar as belezas que a natureza lhes oferecia.

Durante a manhã, calcorrearam antigos caminhos de terra, molharam os pés nas águas frias das pequenas lagoas, entraram nas casas de pedra das

aldeias abandonadas, viram muitos animais e plantas, que só conheciam da televisão. Perto do meio-dia, pararam para almoçar e descansar um pouco.

Num pequeno miradouro, sentados debaixo de uma árvore, observavam a imensidão da paisagem. Estavam silenciosos! Estendiam o seu olhar sobre aquele mar de verdura que se perdia no horizonte e sentiam-se esmagados com tamanha beleza.

- O que são aquelas manchas brancas que vemos ao longe? - Perguntou uma das crianças.

- São os rebanhos! - Respondeu a professora.

Sem deixar transparecer a sua preocupação, a professora deu por terminado o descanso do almoço e retomou a caminhada.

Pouco tinham andado quando encontraram um velho pastor que lhes disse:

- Não podem caminhar para Sul! Começou um incêndio por essas bandas, que ameaça tornar-se perigoso.

- Mas essa era a nossa direcção! Que vamos fazer?

- Esperar! O incêndio deve demorar dois ou três dias. Sei que os responsáveis do parque do Gerês já chamaram os bombeiros, mas não vos aconselho a continuar caminho.

- Um incêndio! Não me faltava mais nada? Logo hoje que tenho a responsabilidade das crianças! Disse baixinho, a professora tentando manter a calma e encontrar uma solução.

- Se quiserem, podem esperar aqui! Tenho uma cabana junto ao rio. Lá ficam todos em segurança. – Disse o pastor.

A professora achou mais prudente aceitar a oferta do pastor. Falou com os colegas e mudaram os planos. O professor de Educação Física correu, no sentido norte, até à aldeia mais próxima. De lá, telefonou para casa da professora a avisar que estavam bem, mas iam ficar na serra até poderem regressar em segurança. Voltou à cabana antes de anoitecer e mesmo a tempo de beber o leite quentinho que a mulher do pastor ofereceu a todos.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, o pastor disse:

- Os meninos não sabem, mas quando há incêndios na serra, os animais ficam assustados, feridos, queimados e alguns costumam procurar ajuda neste local. Neste momento, vou recolher algumas ervas que ajudam a aliviar a dor e a sarar as feridas. Algum de vocês quer ajudar?

-Sim! – Disseram todos em coro.

- Eles ajudam a recolher as ervas e também ajudam a cuidar de pequenos animais feridos, disse a professora.

Sob a orientação dos professores, as crianças recolheram as ervas que o pastor lhes pediu e colocaram em montinhos junto à cabana.

Ainda estavam a almoçar, o ensopado de carneiro com batatas preparado pela mulher do pastor, quando, se aproximou cambaleando, um pequeno veado. O pastor observou a pata do animal e verificou que estava partida. Colocou uma tala feita de cana de bambu e amarrou muito bem com a ajuda de dois meninos. Mais tarde chegou um esquilhinho com o rabo todo queimado e uma pequena raposa com feridas no pêlo. Tiveram direito a tratamento com ervas diferentes e apropriadas para cada situação. Cautelosa a professora perguntou ao pastor:

- Já alguma vez tratou um lobo ou um lince?

- Não! Esses são animais orgulhosos! Morrem sozinhos nas suas tocas, mas não pedem socorro a um pastor. Esteja descansada, aqui não chega nenhum desses!

Durante dois dias, as chamas devastaram a serra. O incêndio estava cada vez maior, parecia incontrolável. As sirenes dos carros dos bombeiros e o motor dos helicópteros que se abasteciam de água ali perto cortavam constantemente o silêncio do lugar, mas professores e alunos não os ouviam porque estavam demasiado concentrados nas tarefas de socorro aos animais: lavar feridas, tratar queimaduras com folhas e seiva de plantas, dar comida e água e proteger do calor.



Finalmente, no terceiro dia, as equipas de bombeiros controlaram e extinguiram os fogos. A vida na serra do Gerês retomou a sua rotina. Os guardas do parque tomaram conta dos animais que ainda não estavam curados e as crianças voltaram à aldeia para continuarem as suas férias.

Os dias que se seguiram até à data de voltarem a casa, foram muito intensos. A história de um grupo de madeirenses que cuidou dos animais feridos no incêndio espalhou-se por toda a região e diversas entidades ofereceram-lhes passeios e visitas culturais. No dia do regresso foram homenageados com um almoço de despedida.

Voltaram à Ilha da Madeira e, tempos depois, a professora enviou-lhes uma fotografia da zona já reflorestada. Tudo estava bem! A vegetação crescia viçosa, os animais estavam felizes e até pareciam sorrir para a fotografia.

A Serra estava de novo no seu melhor.



História elaborada pelos alunos do 1º ciclo da EB1/PE de Carvalhal e Carreira